

Incursões sociofuncionalistas pelo domínio tempo-aspecto-modalidade

Fábio Fernandes Torres¹

Lorena da Silva Rodrigues²

Márluce Coan³

Resumo: Este artigo tece algumas considerações sobre o paradigma sociofuncionalista, abordagem que conjuga, no estudo da variação e da mudança, pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista e do Funcionalismo. Duas pesquisas ilustram o procedimento sociofuncionalista de análise de dados: na primeira, em sincronia, destacamos a expressão de tempo futuro por perífrases gerundivas; na segunda, em perspectiva diacrônica, tratamos da gramaticalização e variação do pretérito perfeito composto.

Palavras-chave: Aspecto; Modalidade; Mudança; Sociofuncionalismo; Tempo; Variação.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS: SOCIOLINGUÍSTICA, FUNCIONALISMO E SOCIOFUNCIONALISMO

O exame da linguagem em contexto social tem revolucionado os estudos linguísticos na tentativa de explicar a evolução da língua e as mudanças em sua estrutura a partir das escolhas feitas pelos

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e, atualmente, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará e pesquisador do grupo SOCIOLIN-CE. fabiofortres@yahoo.com.br

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e, atualmente, professora da rede pública estadual de ensino e pesquisadora do grupo SOCIOLIN-CE. rodrilorena@gmail.com

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e, atualmente, professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará e coordenadora do Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas – SOCIOLIN-CE. coanmalu@ufc.br

falantes em determinada situação comunicativa, escolhas motivadas por forças diversas, ora internas ao sistema, ora externas, provocando “motivações em competição” (conforme Dubois, 1984). Nesse sentido, a gramática é concebida como dinâmica (heterogênea) e emergente (mutável), como um “sistema adaptativo” que nunca se estabiliza, parcialmente autônomo e parcialmente motivado por pressões externas (*op.cit.*).

Concebe-se a língua, neste caso, como um sistema heterogêneo em sua natureza, em que as situações de interação pressupõem variação, pois os falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal dificilmente se expressam da mesma maneira, tendo em vista as diferentes circunstâncias de comunicação e os diferentes propósitos comunicativos. Para abrigar as pressões do uso, o sistema é adaptativo, flexível, variável. Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra variável). Essas regras, conforme Tarallo (2005), devido à própria essência e natureza da fala, não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias, são regras variáveis, já que o favorecimento de uma variante em relação a outra decorre de circunstâncias (condicionamentos) linguísticas e não linguísticas, tratando-se, pois, de um sistema linguístico de probabilidades.

O Funcionalismo Linguístico concebe a linguagem como instrumento de comunicação e de interação social. Longe de ser um sistema autônomo (um sistema formal), a língua está sujeita às pressões do uso. A situação comunicativa, a interação dos sujeitos em situações reais de uso, determina, pressiona e explica a estrutura gramatical. Conforme Pezatti (2004), a linguagem, entendida como instrumento de interação social, revela sua instrumentalidade em termos comunicativos e o enfoque funcionalista pretende descrevê-la como requisito básico da interação verbal.

Conforme Nichols (1984: 97), “os funcionalistas sustentam que a situação comunicativa motiva, restringe, explica ou, pelo menos, determina a estrutura gramatical [...]”.⁴ Segundo Neves (2006), partindo-se de uma concepção geral, desvinculada de modelos de propostas particulares, o Funcionalismo Linguístico é uma teoria que se liga, acima de qualquer coisa, aos fins a que servem as

⁴ Tradução livre de: “Functionalists maintain that the communicative situation motivates, constrains, or otherwise determines grammatical structure ...”.

unidades linguísticas e ocupa-se, principalmente, dos meios linguísticos da expressão. Nessa acepção, o termo função – entendido não apenas como papel de unidade sintática, mas como a junção entre o estrutural (sistêmico) com o funcional – destaca-se como fio condutor de reflexão. Para Nichols, função é um termo polissêmico, mas todos os seus sentidos significam a dependência de algum elemento estrutural dado em relação a elementos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não estrutural) e todos dizem respeito ao papel exercido por um dado elemento estrutural no todo mais amplo da linguagem e da comunicação. A essência do Funcionalismo, para a autora, é que a língua tem um fim comunicativo e “o que é comunicado não é somente o conteúdo, referência e predicação ou o lado intelectual ou cognitivo da linguagem, mas também a natureza e o propósito do evento de fala como um fenômeno cultural e cognitivo.” (Nichols, *op. cit.*: 102, tradução nossa)⁵

Dado o interesse pela linguagem em uso, não raramente essas duas teorias estiveram aliadas para explicar fenômenos de descrição linguística. A Sociolinguística variacionista, baseada em pressupostos funcionalistas, tais como princípio da iconicidade e princípio da marcação,⁶ procura interpretar a frequência de uso de uma variante em detrimento de outra; o Funcionalismo lança mão da metodologia da Sociolinguística variacionista para verificar a frequência de determinados usos linguísticos associados a processos de gramaticalização. São pesquisas sociolinguísticas com interpretações

⁵ “What is communicated is not only what is variously called content, denotation, reference-and-predication, or the intellectual or cognitive side of language, but also the nature and purpose of the speech event as a cultural and cognitive phenomenon (itálicos da autora).”

⁶ Os princípios gerais que orientam a teoria funcionalista givoniana são os da iconicidade e da marcação. Os princípios icônicos são três: o princípio da quantidade – que prevê a correlação entre quantidade de informação e quantidade de codificação; o princípio da proximidade – que correlaciona proximidade cognitiva de entidades com proximidade de unidades no plano da codificação e o princípio da ordem sequencial – que orienta a ordenação linear semântica e pragmaticamente (Givón, 1984). Givón formula também o princípio metaicônico da marcação, ressaltando, porém, que tal formulação é idealizada: “categorias que são cognitivamente marcadas (i.e., complexas) tendem a ser marcadas estruturalmente”. (1991: 106). O autor apresenta três critérios para se avaliar a marcação (1990: 947): (i) Complexidade estrutural – a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não marcada. (ii) Distribuição de frequência – a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não marcada. (iii) Complexidade cognitiva – a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não marcada.

funcionalistas, ou pesquisas funcionalistas apoiadas em métodos e pressupostos variacionistas. Tavares (2003) discute as diferenças e semelhanças entre os paradigmas funcionalista e da sociolinguística e propõe que se desfaça a fronteira entre um e outro paradigma, já bastante tênue devido à variedade de pesquisas que se apoiam em ambos, elencando o termo sociofuncionalista para redefinir um paradigma teórico advindo das duas teorias.

É ilusório pensar que a Sociolinguística e o Funcionalismo compartilham entre si todos os seus pressupostos, como também o é pensar que não são teorias complementares e afins. Há pressupostos extremamente distintos e outros bastante complementares, de modo que o que se chama de Sociofuncionalismo é um paradigma resultante das duas teorias que lhe dão sustentação a partir de uma discussão lúcida dessas diferenças e semelhanças, dentro dos objetivos de cada pesquisa que se intitula sociofuncionalista, o que obriga o paradigma a atualizar-se e refazer-se a cada pesquisa feita.

Segundo Tavares (2003), é possível fazer uma associação de pressupostos teóricos vindos de fontes diferentes, desde que seja resultado de uma “conversa” travada em meio às diferenças. Para a autora, as visões de variação e mudança dessas duas teorias não são excludentes e ela chama de *Sociofuncionalismo* a combinação resultante entre o Funcionalismo e a Sociolinguística, “que toma a variação linguística do ponto de vista da função discursiva e a explica com base em princípios funcionalistas” (Tavares, 2003: 98). A junção das duas teorias deve ocorrer na “conversa na diferença, pelo ajuste dinâmico, contextual e transitório entre conceitos e pressupostos teórico-metodológicos advindos de cada teoria ‘mãe’” (Tavares, 2003: 101). A cada reflexão e a cada estudo feito sob a égide do *Sociofuncionalismo*, o processo de associação de diretrizes teórico-metodológicas adquire feições diferentes, advindas de experiências de adaptação e negociação durante a “conversa” de teorias. Nessa preocupação, os pesquisadores devem traduzir os conceitos de uma teoria para a outra, “procurando chegar à convergência entre diferentes modos de ver” (Tavares, 2003: 102).

Dentre os pressupostos convergentes, Tavares (*op. cit.*) cita: (a) a prioridade atribuída à língua em uso; (b) os fenômenos linguísticos investigados são analisados em situações de comunicação real de sujeitos reais interagindo; (c) a concepção de que a língua está sempre mudando; (d) a mudança

linguística é entendida como contínua e gradual; (e) a mudança é observável nos âmbitos linguístico e social; (f) a mudança pode ser observada a partir de dados sincrônicos e diacrônicos; (g) o princípio do uniformitarismo, segundo o qual as forças linguísticas e sociais que agem na língua provocando variação e mudança são as mesmas de épocas passadas; (h) análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos na língua; (i) atenção dada à frequência; (j) a afirmação de que há relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade em que ocorrem. Contudo, a autora afirma que pode haver uma semelhança apenas parcial entre itens destacados e diferenças podem emergir.

Em se tratando de diferenças, Tavares destaca a concepção de gramática como um processo em andamento, sempre em constituição, resultado de pressões de cada ato de comunicação de seus falantes – pelo Funcionalismo; e como um sistema de regras variáveis, para a Sociolinguística variacionista. Assim, o Funcionalismo atribui um papel central à função, dado que, se uma forma linguística é utilizada, deve-se a uma razão funcional. A Sociolinguística atribui uma importância à estrutura variável, parte da competência dos falantes. Sob esse aspecto, as duas teorias são divergentes. As regras variáveis para a Sociolinguística “representam um modo de descrever formalmente a inter-relação sistemática entre condicionamentos internos e externos à língua” (p. 121). O funcionalismo, baseado na concepção de gramática emergente, está interessado nas relações que se estabelecem, em diferentes graus, entre “funções e formas e a alteração por que passam tais relações ao longo do tempo, não se ocupando em estipular regras abstratas subjacentes ao uso (p. 121). Contudo, Tavares propõe que “a ocorrência do(s) casamento(s) sociofuncionalista(s) não seja abortada pela dificuldade ou impossibilidade de convergência entre aspectos centrais dos modelos fonte” (Tavares, 2003: 133). O “casamento” pode acontecer se optarmos por “*uma base mais funcionalista*” ou por “*uma base mais variacionista*” (Tavares, 2003: 133, *itálicos da autora*), e independentemente de qual dessas bases seja a adotada como central, a escolha deverá ser assumida apenas com base nas convergências resultantes da conversa na diferença entre o Funcionalismo e Variacionismo que forem coerentes com a opção feita.

A autora afirma ainda que dessa conversa entre o Funcionalismo e a Sociolinguística podem surgir graus de convergência e, segundo ela, justifica-se a constituição do *Sociofuncionalismo* a consideração de um traço funcional, quer seja a seleção de uma função como variável dependente, quer a inclusão

de motivações funcionais, princípios, hipóteses e até explicações de base funcional. Da mesma forma, deverá vir algo da Sociolinguística, sejam aspectos metodológicos, condicionamentos, princípios e explicações sociolinguísticas.

A abordagem sociofuncionalista será possível, dessa forma, sempre que o pesquisador estabelecer as convergências e as divergências entre as duas teorias e que pressupostos puderem ser ajustados, negociados a ponto de permitirem o surgimento de matizes teóricos diferenciados dos modelos fonte. Isso exige do pesquisador um posicionamento claro, já que ele não é um mero mediador de conceitos a serem emparelhados.

A seguir, apresentamos resultados de duas pesquisas que se orientaram pelo paradigma sociofuncionalista: a primeira trata do tempo futuro codificado por perífrases gerundivas e a segunda aborda o pretérito perfeito composto em Língua Portuguesa.

2. VARIAÇÃO DE TEMPO FUTURO EM PERÍFRASES GERUNDIVAS⁷

A codificação de tempo futuro do presente do indicativo por meio de perífrases gerundivas pode ser identificada, no português contemporâneo, como uma macrofunção de tempo futuro, de noção aspectual durativa, que pode ser dividida em três microvariáveis ou subvariáveis, cada uma delas organizada em variantes binárias: o futuro iminente perifrástico, identificado como codificando um evento durativo que incorpora o momento de fala e se desenvolve no futuro, com ênfase no início da duração; o futuro médio perifrástico, identificado como um evento posterior ao momento de fala, sem definições explícitas de seu início e término e o futuro resultativo perifrástico, identificado como codificando um evento que ocorre à direita do momento de fala, com ênfase em seu término. Os dados analisados, coletados ao longo de 2008 e início de 2009, são provenientes de *corpus* constituído para este fim (*corpus Torres*), por meio de entrevistas sociolinguísticas, com dados de fala de

⁷ A variação das perífrases gerundivas codificando tempo futuro foi estudada na dissertação de mestrado intitulada *O gerúndio na expressão de tempo futuro – um estudo sociofuncionalista*, de Fábio Fernandes Torres, orientada pela professora Dra. Márluce Coan. As considerações que apresentamos aqui integram discussões aprofundadas nos capítulos IV, V e VI da referida dissertação.

informantes de três diferentes áreas de atuação, duas faixas-etárias (menores de 30 anos e maiores de 40 anos), de ambos os sexos – vendedores, professores e operadores de telemarketing – da cidade de Fortaleza/CE.

A expressão de tempo futuro por perífrases gerundivas pressupõe diferentes graus de duratividade, do que decorre a subdivisão de uma macrofunção de *futuro durativo* nas subvariantes que a codificam diferentemente, enfatizando o evento durativo com base em seu início, em seu meio ou em seu término. Vejamos exemplos das subvariáveis consideradas:

a) *o futuro iminente perifrástico*

(1) Creio eu que molde igreja CONTINUA MOLDANDO (*corpus* Torres) – *futuro iminente perifrástico simples*⁸

(2) Isso aí é esperança que o povo brasileiro tem e VAI CONTINUAR TENDO (*corpus* Torres) – *futuro iminente perifrástico estendido*

b) *o futuro médio perifrástico*

(3) Vai acontecer sim eu creio que VAI DIMINUINDO o gelo né da parte fria e vai aumentar o nível do mar – *futuro médio perifrástico simples*

(4) Eu imagino não mais estar aqui VOU ESTAR FAZENDO biologia (*corpus* Torres) – *futuro médio perifrástico estendido*

c) *o futuro resultativo perifrástico*

(5) Se a providência divina não vier antes a gente ACABA DANDO conta do resto e DESTRUINDO tudo. (*corpus* Torres) – *futuro resultativo perifrástico simples*

(6) É melhor você prometer uma coisa consciente que você sabe que VAI ACABAR FAZENDO aquelas coisas (*corpus* Torres) – *futuro resultativo perifrástico estendido*

Os resultados revelaram grande frequência de uso de *futuro médio*, visto que dos 384 dados de perífrases gerundivas analisados que codificam tempo

⁸ Tomamos os termos *perifrástico simples* e *perifrástico estendido* para nos referirmos à complexidade das perífrases gerundivas. No primeiro caso, temos as perífrases com dois verbos, um verbo auxiliar ou modal flexionado + verbo no gerúndio; no segundo caso, temos as perífrases com três verbos, um auxiliar ou modal flexionado na primeira posição + um verbo no infinitivo na segunda posição + um verbo no gerúndio na terceira posição.

futuro, 284 são ocorrências de futuro médio, 73 de futuro resultativo e apenas 27 de futuro iminente, distribuídos da seguinte forma, em termos de frequência: (a) houve 04 ocorrências de *futuro iminente perifrástico simples* e 23 ocorrências de *futuro iminente perifrástico estendido*, o que corresponde a percentuais de 15% e 85% respectivamente; (b) houve 181 ocorrências de *futuro médio perifrástico simples* e 103 de futuro *médio perifrástico estendido*, o que corresponde a percentuais de 64% e 36% respectivamente e (c) houve 56 ocorrências de *futuro resultativo perifrástico simples* e 17 ocorrências de *futuro resultativo perifrástico estendido*, o que corresponde a percentuais de 77% e 23%, respectivamente.

Os resultados revelam serem as variantes *futuro médio perifrástico simples* e *futuro resultativo perifrástico simples* as mais frequentes em termos de ocorrências, o que nos permite considerá-las como estruturas não marcadas. Contudo, em relação às variantes de *futuro iminente*, os resultados estão invertidos, havendo uma ocorrência bem maior da variante complexa, o que poderia contrapor o postulado givoniano da marcação (“categorias que são cognitivamente marcadas, i.e. complexas, tendem a ser marcadas estruturalmente.” (1991: 106)). O autor apresenta três critérios para se avaliar a marcação (1990: 947): (i) Complexidade estrutural – a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não marcada. (ii) Distribuição de frequência – a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não marcada. (iii) Complexidade cognitiva – a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não marcada.). Propomos que o *futuro iminente* representa uma estrutura marcada e isso explicaria, em termos, a sua baixa ocorrência nos dados desta pesquisa, contudo a variante *futuro iminente perifrástico estendido* está se especializando na função de *futuro iminente*, cujos percentuais de uso, nas duas faixas-etárias controladas (menores de 30 anos e maiores de 40 anos), foram 86% e 83%, respectivamente, e sob esse aspecto, pode ser visto como categoria não marcada em relação ao *futuro iminente perifrástico simples*.

A pesquisa pauta-se no viés sociofuncionalista, visto que: (a) os dados para análise revelam situações reais de uso, são representativos de uma comunidade de fala da língua em estudo; (b) foi endereçada especial atenção à frequência das formas linguísticas, fator importante para se verificarem processos de mudança; c) a variação entre as perífrases gerundivas codificadoras de tempo futuro leva em conta a relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que a usa, sendo os falantes mais jovens os que usam com maior frequência

essas formas, conduzindo uma possível mudança a ocorrer na língua nos estágios futuros.

Apoiamo-nos em Tavares (2003, p. 127-129) para rever conceitos advindos do Funcionalismo e da Sociolinguística que foram reajustados ou convergidos no Sociofuncionalismo, seguindo a tese de que, a cada pesquisa, o paradigma sociofuncionalista se (re)constitui, tais como: (a) o termo mudança abrange o surgimento de formas emergentes e a difusão delas no meio social, havendo diferenças entre falantes mais velhos e mais jovens, mas a análise do grau de difusão das formas emergentes se dá por meio das distribuições sociais das formas emergentes (via faixas-etárias)⁹ que podem, também, ser explicadas em termos funcionais (uma necessidade funcional, advinda das situações comunicativas, tende a materializar-se na estrutura da língua, como é o caso das diferentes noções aspectuais das perífrases gerundivas analisadas por Torres, 2009); (b) a frequência de uso das variantes analisadas é resultante de pressões funcionais, visto que as perífrases gerundivas expressam diferentes nuances aspectuais e temporais, que serviram para reorganizá-las em futuro iminente, médio e resultativo, mas também é resultante de pressões estruturais, posto que as perífrases gerundivas com três verbos têm uso favorecido, estatisticamente, pela presença de uma marca de tempo futuro, como um advérbio de tempo futuro, por exemplo; (c) não se estabelecem zonas fronteiriças rígidas para se flagrar a mudança, já que todo processo de mudança é lento, contínuo e gradual; (d) submetem-se os dados a tratamento estatístico, para se detectar a frequência e os indícios de mudança e gramaticalização, posto que a frequência

⁹ A pesquisa de Torres (2009) apresentou a seguinte distribuição de frequência de uso: (a) em se tratando de *futuro iminente*, os informantes da faixa etária I (menos de 30 anos) apresentaram uma frequência de uso de 86% da variante *futuro iminente perifrástico estendido* e os informantes da faixa etária II (mais de 40 anos) apresentaram uma frequência de uso de 83% para a mesma variante, em detrimento ao *futuro iminente perifrástico simples*; (b) no que diz respeito ao *futuro médio*, os informantes das faixas-etárias I e II apresentaram uma frequência de uso de *futuro médio perifrástico estendido* de 40% e 31%, respectivamente, em detrimento ao *futuro médio perifrástico simples*; e (c) em relação ao *futuro resultativo*, as frequências de uso dos informantes das faixas-etárias I e II de *futuro resultativo perifrástico estendido* são 22% e 25%, respectivamente, em detrimento ao *futuro resultativo perifrástico simples*. Desse modo, analisando-se a distribuição das variantes via faixas etárias, o tempo futuro expresso por perífrases gerundivas apresenta uma distribuição bastante variável, o que não nos permite ainda descrever estágios da “mudança”. Isso, contudo, não inviabiliza o uso do termo mudança no paradigma sociofuncionalista, visto que a mudança é um processo lento, gradual e contínuo.

de uso de uma variante em relação à outra revela uma preferência estatística de uso em contextos semelhantes.

3. O PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO EM LÍNGUA PORTUGUESA: VARIAÇÃO E MUDANÇA¹⁰

A pesquisa aqui apresentada aborda a gramaticalização e a variação do pretérito perfeito composto (PPC), em textos narrativos ao longo dos séculos XV, XVI e XVII. A investigação centra-se em duas etapas: (a) o processo de gramaticalização da perífrase *ter/haver* + particípio, na passagem de *ter/haver* (pleno) + particípio adjetival > *ter/haver* (auxiliar) + particípio verbal e (b) o envelope de variação linguística, composto pela variável tempo perfectivo anterior ao momento da fala e pelas seguintes variantes: *ter/haver* (presente) + particípio; *ter/haver* (pretérito perfeito) + particípio e *ser* (presente) + particípio de verbo intransitivo.

A opção pela abordagem sociofuncionalista justifica-se, conforme dito anteriormente, pelo fato de investigar-se a língua em uso em situações de comunicação real de sujeitos que interagem entre si, mesmo em pesquisas históricas que utilizem como *corpus* textos escritos, pois, assim como Mattos e Silva (1996), acreditamos que, em estágios anteriores da língua, a modalidade escrita reflete a língua falada e as suas constantes mudanças. Essas mudanças, compreendidas como contínuas e graduais, são observáveis, na perspectiva sociofuncionalista, nos âmbitos linguístico e social sob o enfoque sincrônico e diacrônico. No caso do pretérito perfeito composto, pautando-se no Princípio do Uniformitarismo, pelo qual as forças linguísticas e sociais que agem na língua atualmente são as mesmas forças de épocas passadas,¹¹ buscou-se constatar que as mudanças morfofossintáticas e semânticas desse tempo verbal tornaram-se cada vez mais frequentes ao longo do tempo.

¹⁰ As considerações apresentadas nesta seção integram as seções de introdução, dos métodos de análise e de resultados da dissertação de mestrado intitulada *E tenho dito: a gramaticalização e a variação do pretérito perfeito composto em narrativas do século XV, XVI e XVII*, de Lorena da Silva Rodrigues, orientada pela professora Márluce Coan.

¹¹ “O conhecimento de processos que operaram no passado pode ser inferido via observação de processos que se iniciam no presente” (Christy, 1983: ix – in: Labov, 1994:21).

Tendo como base esses pressupostos, a primeira delimitação metodológica adotada nas pesquisas sociofuncionalistas é o ajuste da correlação entre forma e função. Apesar de o Funcionalismo e de a Sociolinguística estudarem a língua em uso, de natureza heterogênea, que abriga os fenômenos da variação e da mudança, as suas abordagens iniciais do fenômeno linguístico são opostas, uma vez que o Funcionalismo voltado ao estudo da gramaticalização de um dado item parte da análise de um domínio funcional, enquanto que, na Sociolinguística, as regras variáveis envolvem a escolha entre duas ou mais formas que codificam um mesmo significado. Assim, na investigação do pretérito perfeito composto, partiu-se do domínio funcional codificado pelas formações de *ter/haver* + *particípio* ao longo dos séculos XV, XVI e XVII. E, em um segundo momento, são analisadas, especificamente, as formas que codificam um tempo perfectivo anterior ao momento da fala.

Para isso, na escolha do *corpus*, ao trabalhar com dados históricos, além de adequar os dados aos documentos remanescentes do período,¹² é importante que os textos sejam representativos de uma linguagem menos formal quer por estilo, quer por tipologia textual. Assim sendo, na seleção do *corpus*, foram respeitados os seguintes critérios: (a) os textos não foram escolhidos por gêneros, por serem esses delimitados sócio-histórico-culturalmente e por não perdurarem ou mudarem suas características ao longo dos séculos analisados, dessa forma, optou-se por textos narrativos em prosa, sequência textual que favorece o uso do tempo pretérito e (b) na escolha da quantidade de textos, foi observado o equilíbrio quantitativo entre os séculos.

Ainda no percurso metodológico, as etapas de análise estudadas – a primeira correspondendo à gramaticalização de *ter/haver* (pleno) + *particípio* adjetival > *ter/haver* (auxiliar) + *particípio* verbal e a segunda correspondendo à variação linguística na codificação do aspecto perfectivo – foram apresentadas, bem como seus fatores condicionantes. Na etapa de gramaticalização, foram controlados os parâmetros de gramaticalização propostos por Lehmann

¹² Em projeto inicial, nossa pesquisa levaria em conta a variação entre pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto, no entanto, em uma pretestagem com um texto do século XV, encontramos 1072 dados da forma simples e apenas 23 da forma composta. Assim sendo, foi decidido excluir a variante *pretérito perfeito simples*, para evitar possíveis problemas estatísticos.

(1995): Integridade, Paradigmaticidade, Variabilidade Paradigmática, Escopo, Conexidade e Variabilidade Sintagmática; a modalidade verbal; o aspecto verbal, a partir dos traços duratividade, dinamicidade e telicidade; o tempo em relação à referência, considerando-se a cotemporalidade entre tempo e referência e o distanciamento temporal entre evento e referência; a concordância entre o particípio e o objeto direto do verbo *ter* e o tipo de verbo. Na etapa de variação linguística, foram controlados a modalidade, o aspecto, a natureza semântica dos argumentos, o tipo de verbo e a referência temporal – textual.

Os dados de variação linguística foram analisados pelo programa estatístico GOLDVARB X, ferramenta metodológica fundamental da Sociolinguística variacionista. O programa fornece pesos relativos, a partir da influência de cada um dos fatores controlados sobre cada uma das formas variantes.

No *continuum* de gramaticalização, observou-se que a passagem de *ter/haver* (pleno) + particípio adjetival > *ter/haver* (auxiliar) + particípio verbal apresenta gramaticalização ainda incipiente nos séculos XV e XVI, uma vez que, com bases nos parâmetros de gramaticalização propostos por Lehmann (1982[1995]), o pretérito perfeito composto compunha um paradigma que, apesar de o signo apresentar traços de coesão, ainda apresenta baixa paradigmaticidade e alta variabilidade, conforme os exemplos abaixo:

- (7) E quando Noé TEVE PASSADO isto ACORDOU (Crônica Troiana em Linguagem Portuguesa). .
- (8) Mas agora me AM DITO que TORNADO ES em tua terra e molher TENS TOMADO (Crônica Troiana em Linguagem Portuguesa).

Para a delimitação do paradigma, foram considerados os seguintes fatores: (a) as considerações presentes em gramáticas históricas sobre o pretérito perfeito simples e composto, desse modo, foram analisadas as formas consideradas representativas desses tempos verbais, ainda que não tenham chegado aos dias atuais,¹³ e (b) a possibilidade de alternância das formas com o

¹³ Enquanto, sincronicamente, o pretérito perfeito composto é descrito pelas formas *ter* (*presente*) + *particípio*, *haver* (*presente*) + *particípio*, diacronicamente, além dessas duas formas, as gramáticas históricas elencam as formas *ter* (*pretérito perfeito*) + *particípio*, *haver* (*pretérito perfeito*) + *particípio* e *ser* (*presente*) + *particípio*.

pretérito perfeito simples, pelo fato de o estudo diacrônico tratar da codificação do tempo perfectivo anterior ao momento da fala.

Com a definição do paradigma, observa-se, a partir dos exemplos, que *ter* e *haver*, nas perífrases formadas com o particípio, não apresentam a proeminência semântica que caracteriza os itens plenos, uma vez que, ao passar a integrar uma perífrase, os traços semânticos deslocam-se para o particípio. Apesar desse forte indício de gramaticalização, no que se refere à coesão do item, foi observado, ainda, que o pretérito perfeito composto não é fortemente integrado ao paradigma, sobretudo, em relação à forma simples. Além disso, a escolha de uma das formas parece ainda ocorrer de modo, relativamente, livre.

Assim, dentro desta variabilidade paradigmática comum a itens em processo de gramaticalização, foi traçado o diálogo com a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Observou-se o pretérito perfeito composto codificando três funções principais em seu decurso de gramaticalização:

a) *Aspecto perfectivo*

- (9) E logo, sem muita tardança, depois que chegou ao logar, e HOUVE COMIDO, mandou dizer ao bispo que fosse ao paço. (LOPES)

b) *Aspecto imperfectivo*

- (10) [...] e assi ho TENHO DITO, e DECRARADO muitas vezes aho Infante D. Affonso meu filho, e há Frei Johão mwu Confessor. (PINA)

c) *Referenciador textual*

- (11) DITO nós AUAMOS no capítulo XIV da primeira parte em qual guisa deuiam os moços *que* trariam os cães de correr e em *que* maneyra deuiam ensinar os cães nouos de correr em poendoos, e em *que* guisa se punham melhor, deshi en como se deuiam de encarnar [...] (D. JOÃO)

Na perspectiva variacionista, a função tempo perfectivo anterior ao momento da fala foi analisada como variável dependente tendo como variantes *ter* (presente) + particípio (37 dados); *haver* (presente) + particípio (8 dados); *ter* (pretérito perfeito) + particípio (06 dados); *haver* (pretérito perfeito) + particípio (107 dados) e *ser* (presente) + particípio de verbo intransitivo (7 dados).

Como variáveis independentes, analisaram-se a Modalidade, o Aspecto, a natureza semântica dos argumentos, o tipo do verbo e a referência temporal-

textual. A variante *ter (presente) + participípio* foi condicionada pelo fator verbo factivo; *ter (pretérito perfeito) + participípio* apresentou como fator condicionante o período histórico Português Moderno, que compreende o amálgama dos séculos XVI e XVII; *haver (pretérito perfeito) + participípio* é forma condicionada pela referência temporal-textual mais próxima e pelo fator século XV. As variantes *ser (presente) + participípio* e *haver (presente) + participípio* não selecionaram nenhum grupo de fatores, ou seja, os grupos arrolados para análise dessas duas formas não se mostraram estatisticamente relevantes.

Conciliando as duas abordagens teóricas, a funcionalista e a variacionista, na perspectiva diacrônica, pode-se chegar a uma análise que inter-relacione conceitos como camadas/variação e gramaticalização/mudança. Contudo, como dito anteriormente, as duas teorias não são totalmente passíveis de diálogo. Por exemplo, as várias formas em camadas que compõem um mesmo domínio funcional podem ser interpretadas como variantes linguísticas, uma vez que interpretadas como equivalentes semanticamente. Todavia, não é possível analisar, sob a perspectiva variacionista, os itens em divergência, coexistentes, pois esses assumem funções distintas, conforme discutimos acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em pesquisas envolvendo o domínio tempo-aspecto-modalidade, a opção teórico-metodológica pelo Sociofuncionalismo permite uma análise menos impressionística da correlação forma-função, porque não é o ponto de partida (função ou forma) nem o é o ponto de chegada (biunivocidade entre forma e função) que mais nos interessam. Estamos interessados nos processos de variação e mudança entre formas e funções, processos que se ajustam e reajustam na emergência dos discursos. No decorrer deste artigo, demonstramos esse percurso teórico-metodológico por meio da exposição de dois estudos. No primeiro, vimos que a noção de aspecto e referência foram pertinentes para definir a regra variável das perífrases gerundivas como codificadoras de tempo futuro e especificar os contextos de variação dentro de uma macrofunção que pressupõe aspecto durativo; no segundo, no processo de gramaticalização e variação linguística do pretérito perfeito composto, a regra variável foi definida a partir das categorias tempo, aspecto e referência: codificação do tempo perfectivo anterior ao momento da fala. Dessa forma, a

partir dessas pesquisas, vemos que a abordagem sociofuncionalista renova-se a cada estudo realizado, correlacionando conceitos das duas teorias de base de acordo com os objetivos a serem alcançados.

BIBLIOGRAFIA

- DUBOIS, J. 1984. Competing Motivations. In: HAIMAN, John (org.). *Typological Studies in Language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co.
- COAN, Márluce. 2003. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- GIVÓN, T. 1984. *A functional-typological introduction*. v. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- _____. 1990. *Syntax – A functional – typological introduction*. v. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- _____. 1991a. *Functionalism and grammar: a prospectus*. University of Oregon.
- HOPPER, P. J. 1991. On Some Principles of Grammaticalization. In: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1, Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publish Company.
- LABOV, W. 1978. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic. *Working Paper*, 44. Texas.
- _____. 1994. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge, MA: Blackwell.
- LEHMANN, C. 2002. *Thoughts on grammaticalization*. 2ª ed. rev. Erfurt: Seminar Für Sprachwissenschaft der Universität.
- NEVES, M. H. M. 2006. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto.
- NICHOLS, J. 1984. Functional theories of grammar. *Annual Review Anthropology*. California: University of California. (p.97-117).
- PEZATTI, E. G. 2004. O Funcionalismo em linguística. In.: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs) *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez.
- RODRIGUES, L. S. 2010. *E tenho dito: a gramaticalização e a variação do pretérito perfeito composto em narrativas dos séculos XV, XVI e XVII*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A. & SMITH, E. 2005. *Goldvarb X – A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics.

TARALLO, F. 2005. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática.

TAVARES, M. A. 2003. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO*: estratificação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Tese (Doutorado em Linguística) Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TORRES, F. F. 2009. O gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Socio-functionalism incursions into the tense-aspect-mood domain

Abstract: This article examines aspects of the socio-functional paradigm, an approach that fuses, within the study of variation and change, theoretical and methodological hypotheses of Variationist Sociolinguistics and of Functionalism. Two studies illustrate the sociofunctional process for data analysis: in the first, with synchronic treatment, we highlight future tense expression with gerundive periphrases; in the second, from a diachronic perspective, we address the grammaticalization and variation of the present perfect.

Keywords: Aspect; Change; Modality; Socio-functionalism; Time; Variation.

Recebido em: 21/09/2011

Aprovado em: 09/04/2012